O DEMOCRATA

AVENÇADO

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 39.º — N.º 1978

Sábado, 1 de Fevereiro de 1947

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Hav as*

COLÓNIAS DE FÉRIAS

Numa reunião realizada sob a presidência do sr. Ministro do Interior, e com a assistência do sr. dr. Trigo de Negreiros, Governador Civil de Lisboa e presidentes das Juntas Gerais do Distrito, estudou-se o problema das *Colónias de Férias.*

Todos sabem qual a finalidade destas instituições, que procuram duma maneira eficiente dar, no Verão e Outono—isto é, nos períodos de férias escolares—às crianças uma salutar mudança de ares em clima propício.

Nesta ordem de ideias e atendendo a que, para o número de crianças necessitadas, as *colónias de férias* não eram suficientes, o Socorro Social vai agora multiplicá-las de maneira a que êsse número seja cada vez maior e de todas as regiões do país, não só dos grandes aglomerados populacionais mas também de terras afastadas do ar, do mar, e onde vivam crianças que dele necessitem.

Com efeito, o Socorro Social, na sua última reunião, não cuidou apenas de uma espécie de *colónias de férias.* Dividiu-as para melhor benefício, em três zonas: mar, planície, altitude.

Assim, a criança da serra pode vir a usufruir o ar de mar, como o da beira oceano pode ir para a serra buscar a saude que lhe falta.

Como se vê, dêste resumo esquemático da reunião, cujo alcance não é preciso estar a explicar pormenorizadamente, tão claro ele é, o Socorro Social está fazendo a par de uma tarefa imediata de auxílio ao pobre, uma acção humanitária em profundidade que assenta as suas bases na ética cristã, de modo a dar ao Estado Corporativo todos os elementos de *Justiça Social* que tornam a sociedade melhor e os homens cada vez menos lobos do homem.

Daí a necessidade de que todos coadjuvem, pela sua cooperação, o Socorro Social, oferecendo-lhe os meios para realizar a sua tarefa que se projecta, para o futuro, pelas suas boas obras no presente.

MARINHO DA SILVA

Vaga de frio

Extensiva a todo o continente europeu, temos suportado nêste inverno baixíssimas temperaturas, como há muito não sucedia.

Na Serra da Estrela e povoações limítrofes o gelo adquiriu extraordinária espessura, sendo difícil o Sol derretê-lo nos dias em que aparece.

Não será isto castigar demais a humanidade?

Valiosos donativos

A solicitação da Comissão Distrital da União Nacional o sr. Ministro do Interior, por despacho de 23 de Janeiro, mandou conceder, pelo fundo do Socorro Social, a quantia de 113.500$00 à Santa Casa da Misericórdia desta cidade, sendo também dado conhecimento à Comissão de Construções Hospitalares do pedido dum subsídio para apetrechamento cirúrgico do mesmo.

O mesmo titular concedeu ainda o subsídio de 400 contos ao Albergue de Mendicidade para a compra de terrenos e alargamento das suas instalações.

Louvores a quem se não esquece das necessidades que por aí vão, lembrando-as ou concorrendo para as suprir.

Vôos largos...

Do aeroporto de Lisboa foram levados num aparelho para os Estados Unidos da America do Norte 40 pintassilgos, alguns tentilhões e 3 pintarroxos.

A quem iriam eles alegrar nas horas tristes de nostalgia lusitana?...

Para onde foi o açúcar? Aonde pára o açúcar? Que caminho levou o açúcar?

Carta aberta a quem na Intendência Geral dos Abastecimentos ocupa funções de direcção e comando

Ex.mo Sr. capitão Silva Pais:

Venho hoje expôr a V. Ex.ª um caso que me traz intrigado e me faz cismar.

Vai a caminho de três meses que de Lisboa me foram enviados pelo caminho de ferro para a estação de Quintans, 15 quilos de açúcar, em tarifa 8, capitação concedida pelo Grémio Nacional das Farmácias e a que tenho direito mensalmente, como farmacêutico, que sou, com estabelecimento na Costa do Valado. Quando o mandei levantar, mediante a respectiva senha, foi comunicado ao portador que a mercadoria havia sido apreendida na estação da Pampilhosa pelo que resolvi ir a Lisboa saber o que se passava a tal respeito. Informaram-me logo que alguém da Intendência tinha procurado na casa expedidora e no Grémio Nacional das Farmácias a documentação relativa à legalidade do açúcar que devia receber e eu mesmo fui à repartição da Intendência explicar o que, afinal, já tinham procurado saber, limitando-me, por isso, a pedir a máxima urgência na entrega do que tanta falta me estava fazendo. Responderam-me que iam tratar do caso, telefonando nesse sentido à Delegação Distrital de Coimbra. Aguardei. Mas como até o dia 26 de Novembro nada tivesse sido resolvido, deliberei ir a Coimbra narrar o que se estava passando, prometendo me um funcionário, na presença de outros, que ia tratar do assunto. Nova demora, e então escrevi para aquela cidade a seguinte carta:

Costa do Valado, 3 de Dezembro de 1946

Ex.mo Sr.

Faz hoje oito dias que estive nessa repartição a reclamar um açucar que me foi apreendido indevidamente na estação da Pampilhosa há um mez, quando vinha num combóio de Lisboa e era dirigido à minha farmácia por corresponder à capitação a que tenho direito, como todos os meus colegas, concedida pelo Grémio Nacional das Farmácias. Como expliquei, em Lisboa ficou logo tudo esclarecido perante os documentos apresentados aos funcionários da Intendência Geral dos Abastecimentos e por isso venho pedir a fineza de não demorarem a restituição desse artigo, que tanta falta me faz, como devem compreender.

Sem outro motivo, e aguardando rápidas providências no sentido exposto, subscrevo-me,

Atenciosamente
ARNALDO RIBEIRO

Na volta do correio dirigiu-se-me o sr. cap. Paulo Afonso a informar, também, que o assunto *estava a ser devidamente tratado.* Voltei a esperar. Decorreram dias sôbre dias e nada, pelo que decidi escrever-lhe nestes termos:

Costa do Valado, 16 de Dezembro de 1946

Ex.mo Sr. Cap. Paulo Afonso
Coimbra

No dia 26 de Novembro estive nessa Delegação da Intendência Geral dos Abastecimentos a reclamar um açucar apreendido na estação da Pampilhosa e que no princípio desse mez vinha do Grémio para a minha farmácia com senha do caminho de ferro até Quintans. Oito dias depois, isto é, no dia 3 do corrente, não tendo recebido ainda nada, escrevi para que não fosse esquecido o que tanta falta me tem feito e está fazendo, o que provocou a resposta de V. Ex.ª, que o assunto está sendo devidamente tratado. Já lá vai, porém, mez e meio que a apreensão se realizou. Em Lisboa, funcionários da Intendência, procurando esclarecer a proveniência do açucar, não tiveram dificuldade em colher todos os elementos necessários, pois se tratava duma capitação legalíssima que me era dirigida. Eu próprio estive na séde da Intendência com os documentos que possuo a iniciar a reclamação que estou a corroborar. Como se entende, pois, tôda esta demora? Eis a pergunta que hoje formulo, visto encontrar-me embaraçadíssimo com a falta desse produto, que tão necessário me é!

A' vista do exposto, peço a V. Ex.ª novamente providências imediatas e que não deviam demorar tanto, visto tratar-se dum artigo indispensavel às farmácias e laboratórios, para bem da saúde publica.

Sem outro motivo, subscrevo-me com a maior consideração

De V. Ex.ª
Atenciosamente
ARNALDO RIBEIRO

Mais um compasso de espera prolongado e com espanto meu, no dia 3 de Janeiro pede-me o sr. cap. Paulo Afonso para informar a Delegação Distrital **a que organismo pertencem os fiscais que fizeram a apreensão do açúcar!**

Claro que tive de responder, fazendo-o desta maneira;

Costa do Valado, 8 de Janeiro de 1947

Ex.mo Sr.

Agora, sim, agora é que fiquei completamente desorientado deante da carta de V. Ex.ª. Desorientado por não saber o que hei-de responder e como; e também perplexo, porque ao cabo de dois meses, já decorridos, não esperava que V. Ex.ª me incumbisse de um serviço de investigação para o qual, confesso, não ter habilidade nem tendência.

Ex.mo Sr. cap. Paulo Afonso: E' extraordinário o que se está passando com a apreensão do açucar que me foi enviado de Lisboa no princípio de Novembro do ano findo. Todas as explicações foram dadas nessa altura aos funcionários da Intendência que as procuraram e por mim que, de propósito, fui à capital esclarecer o caso perante êsse organismo. Depois dirigi-me a essa Delegação e aí prestei, igualmente, todos os esclarecimentos na ausencia de V. Ex.ª e que motivou a primeira carta datada de 3 de Dezembro. E como se isto tudo ainda fosse pouco pretende V. Ex.ª que eu informe essa Delegação distrital *a que organismo pertencem os fiscais que fizeram a apreensão do açucar!*

Eu sei lá! Só sei que a mercadoria vinha despachada de Lisboa num combóio que chega de madrugada às Quintans e que quando a mandei levantar com a senha que tenho em meu poder disseram na estação, que havia sido apreendida na Pampilhosa pelos fiscais da Intendência ou coisa parecida. E que assim foi não oferece duvida, visto logo, logo, terem aparecido na casa expedidora e na séde do Grémio Nacional das Farmácias os funcionários a que atraz aludo e a quem foi mostrada a legalidade da aquisição.

O resto, Ex.mo Sr., só é para lamentar não ter seguido os tramites que o caso requeria e com a urgencia solicitada em virtude da falta do produto. Mas sempre estou para ver o que daqui sai: se o açucar aparece ou não aparece e se fico sem êle e sem a importância que me custou, visto ter sido pago à vista.

Estas coisas são muito melindrosas.

E assim feitas, não me parece que tenham desculpa por colocarem mal as autoridades—o seu valor e o seu prestigio.

Sem outro motivo, subscrevo-me

De V. Ex.ª
Atenciosamente
ARNALDO RIBEIRO

Ex.mo Sr. cap. Silva Pais:

Tenho ideia de que há pouco tempo ainda, a propósito duma local sôbre abastecimentos, me foi solicitada a concretização com factos de tudo quanto fôr passado e mereça reparos de maneira a serem tomadas providências por quem de direito. Aqui tem V. Ex.ª êste, relatado sem refolhos de literatura e que trago a público para amanhã poder dizer aos leitores dêste periódico que a Intendência Geral dos Abastecimentos me ouviu, me atendeu e se tornou digna da situação ao confiar-lhe o espinhoso cargo que desempenha.

De V. Ex.ª
At.º Ven.or e Obgd.º
ARNALDO RIBEIRO

A «Maria Barbuda»

Morreu com 92 anos, esta cantadeira afamada, natural da Póvoa de Estarreja, onde residia. Fez sucesso em muitas romarias, chegando a ir longe alegrar esses festivais tão característicos e apreciados pelo nosso povo.

Deve ser um dos últimos abencerragens das glórias aldeãs que ainda restam.

A revolta do Pôrto

Passou ontem mais um aniversário sôbre o patriótico movimento que eclodiu na cidade do Pôrto, na manhã fria e nevoenta de 31 de Janeiro de 1891.

Volvidos 56 anos sôbre êsse dia memorável em que a República teve o seu primeiro baptismo de sangue, constata-se que dessa falange de idealistas que se bateram com galhardia já poucos restam por a morte os ter ceifado.

Vivem, no entanto, na lembrança dos que admiraram o seu patriotismo a nobreza das suas intenções.

Atenção para a 4.ª página

Acontecimento desportivo

Milhares de pessoas assistiram no domingo ao encontro que se realizou no Estádio Nacional entre portugueses e espanhois que jogam o futebol. Lisboa encheu-se, por isso, de gente da província e do vizinho país, tendo a vitória lusitana por 4-1 sido festejada com delírio, segundo relatam os diários e os jornais da especialidade. E' que a bola, hoje, suplanta todos os jogos, inclusivamente a bilharda, em que ninguém já ouve falar, sendo o único que arrasta as multidões, faz movimentar o dinheiro e até esquecer as agruras da vida àqueles que, às vezes, se vêem aflitos—com falta de azeite...

Enfim: ao cabo de 25 anos e de 18 jogos, os portugueses ganharam o 19.º. Também nos congratulamos com a vitória, fazendo votos para que seja o início de outras futuras, a-pesar de não simpatizarmos com o divertimento,

Questão de gostos.

Bombeiros

Para comemorar o seu aniversário a A. H. dos Bombeiros Voluntários mandou celebrar uma missa na igreja da Misericórdia, por alma dos sócios falecidos e promoveu uma romagem aos dois cemitérios em que tomou parte a *Banda Amisade.*

Sôbre as campas dos que prestaram serviços à corporação foram lançadas flores.

"A Aurora do Lima"

—o—

A homenagem a êste nosso presado colega de Viana do Castelo e ao seu director Bernardo Silva, efectuou-se ontem naquela cidade, tendo decorrido nas condições indicadas no programa seguinte:

1.º—A's 12,30, as duas comissões, a de Viana e a do Porto, juntaram-se em Fão no restaurante *Ofir,* onde se realizou um almoço de confraternização a que presidiu Bernardo Silva, o homenageado.

2.º—A' 15,30, na séde da *Aurora do Lima,* em Viana do Castelo, foi entregue a Bernardo Silva, a pena de oiro.

3.º—A's 16,30, efectuou-se uma visita a S. João d'Arga, à casa que foi habitada por Camilo Castelo Branco, junto da qual, o sr. dr. A. de Magalhães Basto disse algumas breves palavras evocativas do Mestre e da sua passagem pela *Aurora.*

Finda esta evocação, a comissão de Viana ofereceu um *Porto de Honra* a todos os comparticipantes nesta dupla manifestação.

O director dêste jornal também esteve presente como representante não só do *Democrata,* mas ainda de *O Desforço,* de Fafe, e do sr. Artur Pinto Bastos, que dessa missão o encarregou, assim como o *Jornal de Felgueiras.*

POR TERRAS BRASILEIRAS

Mário Duarte recebendo homenagens da colónia Portuguêsa

Chegam-nos por via áerea alguns jornais com notícias do nosso conterrâneo dr. Mário Duarte, consul de Portugal em Pernambuco, que, visitando no princípio de Janeiro a cidade de Paulista, foi alvo de expressivas homenagens e sua esposa, que muito o cativaram e a nós deveras nos honram por se tratar de um prestimoso aveirense.

Eis alguns tópicos da sua descrição:

«Revestiu-se de muito brilho e animação, a visita que o ilustre dr. Mário Duarte, consul de Portugal neste Estado, realizou, no dia 6 do corrente, à cidade industrial de Paulista.

O referido diplomata seguiu para aquela cidade às 8 horas, acompanhado de sua família, de membros da colónia lusitana aqui domiciliada, famílias, etc.

Atendeu, assim, s sr. consul ao convite que lhe fôra feito por destacados membros da colónia portuguesa daquela cidade industrial,

Associaram-se às homenagens prestadas ao dr. Mário Duarte, a família Lundgren, autoridades locais e a Companhia de Tecidos Paulista.

A CHEGADA A PAULISTA

O sr. dr. Mário Duarte e sua comitiva chegaram a Paulista às 8,30, sendo ali recebidos pelos jovens industriais Celso, Milton e Hercílio Lundgren e por vários membros da colónia lusa da localidade.

Achavam-se presentes o dr. Mário Gadelha, juiz de direito da Comarca, padre Teodoro, vigário da freguesia, coronel Hoche Pulcherio, comandante do batalhão de artilharia, 1.º tenente Vitor, delegado da polícia do município, srs. Donald Valentine e Harry Sainbridge, directores da Companhia de Tecidos Paulista, jornalista Hercílio Celso, director do Departamento de Publicidade da mesma emprêsa, sr. António Amaral Galvão, outros cavalheiros e famílias.

PASSEIO AO «HARAS MARANGUAPE»

Acompanhado de sua comitiva, o dr. Mário Duarte realizou, inicialmente, um passeio ao *Haras Maranguape,* o grande campo de criação de cavalos puro-sangue, obra gigantesca do espírito esportivo e progressista do saudoso industrial, turfman e criador pernambucano, sr. Frederico Lundgren.

Recebidos ali, pelo gerente do *Haras,* sr. Tito de Arruda, percorreram, os visitantes, todas as dependências do estabelecimento, tendo palavras de entusiasmo e de francos elogios à grandiosa obra de Frederico Lundgren.

O sr. consul mostrou-se encantado por tudo quanto lhe foi dado observar, demonstrando ser um técnico de equitação.

Falou de suas vitórias hípicas em Portugal, onde conquistou vários concursos.

Percorreram os visitantes grande parte das instalações do *Haras Maranguape,* depois do que o sr. Consul e todos os excursionistas seguiram para o restaurante da fábrica.

Foram-lhe servidos variados aperitivos, realizado-se, em seguida,

UM BANHO NA PISCINA

O banho, na piscina particular da família Lundgren, decorreu com muita alegria, revelando-se o dr. Mário Duarte um grande conhecedor dos desportos aquáticos.

Fez-se, após o banho, um ligeiro passeio pelo parque da piscina.

Em seguida regressaram todos ao restaurante da fábrica, onde foi servido um lauto almoço.

ALMOÇO E SAUDAÇÃO
DO SR. CONSUL DE PORTUGAL

O almoço decorreu animado, sentando-se o dr. Mário Duarte à cabe-

Benemerência

—o—

De um antigo assinante de *O Democrata*, há muito ausente, recebemos 250$00 para cinco pobres que costuma socorrer, sendo ante-ontem contemplados, em partes iguais, os seguintes:

Angelina Galega, R. da Fonte Nova; Margarida de Matos, R. da Sé; Zulmira Ramusga, Rua de Sá, uma envergonhada e uma viúva, mãe de nove filhos menores.

Em nome de todos os nossos agradecimento ao estimado aveirense.

ceira da mesa, ladeado pelos srs. padre Teodoro, dr. Mário Gadelha e Donald Valentine.

Aos brindes saudou o dr. Mário Duarte o jornalista Hercílio Celso, que pronunciou o seguinte discurso:

Quis a bondade dos meus amigos portugueses de Paulista que tivesse eu a honrosa incumbência de vos saudar, sr. dr. Mário Duarte, no momento em que a cidade industrial de Frederico Lundgren tem a suma felicidade de receber a vossa visita.

Incumbência honrosa e grata para mim, em que descubro dois imperativos a que não poderia faltar e que bem traduzem o grau de confiança de um generoso e bom e a felicidade de outro, em ser o efeito dessa confiança.

Esses imperativos se resumem em poucas palavras e a vós, sr. consul de Portugal, a vós tão somente, por fôrça do vosso cargo, é preciso dizer: nesta terra de Paulista, como em todo Pernambuco, brasileiros e portugueses se querem tanto, que êles se revesam constantemente, como autorgantes e outorgados, nas provas mais elevadas do espírito e nas demonstrações mais carinhosas e dedicadas do coração!

* * *

Pernambuco inteiro, sr. dr. Mário Duarte, já conhece o valor de vossa inteligência e as grandes virtudes da vossa personalidade, tão úteis como são ao intercâmbio cultural entre o Brasil e Portugal, intercâmbio êsse que cada vez mais se amplia para a felicidade dos dois povos irmãos.

Não cabe, numa ligeira saudação como esta, tratar de assuntos culturais, absolutamente inoportunos num fim de almoço, quando justamente a gente se lembra da frase do poeta e humorista brasileiro, Emílio de Menezes: *os discursos são sempre a sobremesa mais indigesta que existe.*

Não deixarei de lembrar, entretanto, o quanto tem sido proveitosa ao intercâmbio cultural luso-brasileiro em Pernambuco a presença de ilustres intelectuais portugueses, entre os quais eu preciso citar um nome, como o padrão do valor de uma raça superiormente inteligente e incontestàvelmente varonil: Pedroso Rodrigues.

Pedroso Rodrigues foi, certamente, entre os consules portugueses de Pernambuco, o que mais conviveu intimamente com o Recife intelectual, colaborando brilhantemente nos jornais e nas revistas, fazendo conferências sôbre assuntos literários e científicos, tomando parte nas tertulias, nas associações e nos lares pernambucanos. Foi um grande homem de sociedade, deixando, entre nós, a maior saudade e a maior admiração!

Pedroso Rodrigues foi um digno, um autêntico representante de Portugal.

Como Pedroso Rodrigues, têm sido todos os consules que a pátria lusitana nos tem enviado.

Paulista, sr. dr. Mário Duarte, vos recebe com muita alegria, com indizível entusiasmo. Esta cidade industrial, ampliada e engrandecida pelo génio que foi Frederico Lundgren e hoje dirigida pela acção criadora de Artur Lundgren, digno discípulo do mestre, tem a felicidade de contar com a colaboração de portugueses dignos, inteligentes e trabalhadores que não são nada mais, nada menos, do que verdadeiros brasileiros, nascidos em a nossa querida pátria de Portugal.

Na administração da emprêsa os portugueses têm exercido cargos de destaque, sem vaidades, sem ambições, sempre tratando o brasileiro como um verdadeiro irmão.

Há também, entre nós, portugueses que independentemente exercem outras actividades, especialmente no comércio. Todos êles, porém, são amigos da nossa cidade e da nossa gente.

Todos êles querem bem ao Brasil, honrando as tradições de amizade da gente lusitana!

Dr. Mário Duarte:

Embora o pouco tempo em que chegaste a Pernambuco, já todos os brasileiros vos dedicam particular estima.

Sabem os brasileiros os esforços que dispendestes em benefício dos interêsses do Brasil, quando à frente do consulado da vossa pátria em Berlim, durante a vigência da última e tremenda guerra mundial. Fostes encarregado de tratar ali os interêsses do Brasil. Os brasileiros que se achavam na Alemanha tiveram em vós, dr. Mário Duarte, a protecção amiga de um dedicado irmão. Vós, por tanta dedicação e tanto esfôrço, já sois credor da estima e da gratidão do Brasil.

Sr. Consul de Portugal:

Os portugueses de Paulista sentem-se felizes com a vossa visita e vos saúdam, prometendo-vos a sua solidariedade à missão que vos trouxe a Pernambuco, certos de que, assim fazendo, estão trabalhando para o engrandecimento e glória da querida pátria lusitana.

Falando em nome dos meus amigos e irmãos portugueses, eu preciso exorbitar da outorga para vos dizer, dr. Mário Duarte, que também vos saúdo em nome da família Lundgren e do povo de Paulista.

Apresento-vos, portanto, as nossas saudações mais cordeais, fazendo votos pela vossa felicidade pessoal e de vossa digna família.

Saúdo-vos, bebendo o delicioso vinho de Portugal, *nectar de amor que prende brasileiros e portugueses numa corrente de alegria à vida e de solidariedade humana.*

Vinho inimitável, vinho de Portugal, vinho melhor que o vinho de Mendonza, feito das deliciosas uvas de Portugal, uvas que são melhores que as velhas e célebres uvas de Corinto.

Elevemos as nossas taças e bebamos todos em saudação ao consul de Portugal em Pernambuco!

Agradecendo a saudação, discursou o dr. Mário Duarte, tendo palavras vibrantes de entusiasmo pela união de brasileiros e portugueses.

Disse ser brasileiro um de seus ascendentes, correndo, assim, nas suas veias, o sangue brasileiro.

Acentuou que os brasileiros não lhe deviam nada pelo que fizera na Alemanha em defesa dos interêsses do Brasil, interêsses que tinha a alegria de dizer—defendeu tanto quanto fizera pelos interêsses de Portugal.

Pensa que o intercâmbio luso brasileiro não pode prescindir dos esportes, porque de soldados fortes e ágeis precisam as duas pátrias.

Diz que as letras podem e devem marchar paralelamente com os esportes, cumprindo-se, assim, a legenda *Mens sana in corpore sano.*

Terminou agradecendo a homenagem recebida dos portugueses, da família Lundgren e do povo de Paulista, bebendo pela felicidade de todos os presentes.

O consul Hache Pulcherio fez um brinde à mulher portuguesa representada na sr.ª consulesa de Portugal.

A' tarde, o sr. consul Mário Duarte, o coronel Hache Pulcherio e o sr. Milton Lundgren e Manuel Gonçalves jogaram tenis na quadra do *Clube Anglo-Brasileiro* de Paulista.

—O dr. Mário Duarte e sua esposa foram cumprimentados pelo industrial Artur Lundgren e regressaram à cidade depois das 17 horas.

Vida Militar

—o—

Pela ultima *Ordem do Exército* foi promovido a tenente o sr. Alexandre Mendes Leite de Almeida, de Cavalaria 5, e filho do sr. general João de Almeida, que nas campanhas de Africa ficou conhecido por *Herói dos Dembos*.

* * *

Também atingiu o mesmo posto da arma de Engenharia o sr. Francisco Maria da Rocha Simões, filho do falecido 1.º tenente-médico da Armada dr. Justino de Oliveira Simões e estremoso neto do sr. Francisco da Silva Rocha, director do Banco Regional, a quem acompanhamos no seu júbilo.

Calendários-brindes

Recebemos três da *Ourivesaria Vilar*, contendo elementos preciosos e da maior utilidade.

Agradecemos.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: amanhã, a professora sr.ª D. Olívia Neto Rangel, esposa do nosso amigo António José Nunes Rangel, e o sr. padre Diamantino Vieira de Carvalho, de Mira; no dia 3, os srs. dr. Fernando Moreira, digno conservador do Registo Civil, e José Simões Pachão, nosso dedicado assinante na América do Norte; o académico Rogério Leitão, filho do nosso amigo dr. Hamberto Leitão, esclarecido clínico, e a interessante Fernanda Emília, filha do sr. Américo Carvalho da Silva; em 4, a gentil Manuela Lopes da Silva, filha do sr. Manuel da Silva, residentes em Lisboa; em 5, as meninas Maria Celeste de Oliveira Salgueiro e Alcina Gomes Vieira, filhas, respectivamente, dos srs. Egas Salgueiro e Ernesto Vieira, e o sr. Marcelino Gonzalez Peña; em 6, a sr.ª D Maria dos Prazeres de Moura Ferreira, esposa do sr. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara Municipal, e a interessante Maria Cesarina dos Reis, filha do industrial sr. José dos Reis, e em 7, os srs. Hermenigildo Meireles e Joaquim da Paula Graça, empregado no Banco Pinto & Sotto Mayor, do Porto.

Casamentos

Com toda a solenidade efectuou-se, no último sábado, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Clara Mendes Leite de Almeida, prendada e dilecta filha da sr.ª D. Laura Mendes Leite de Almeida e de seu marido o sr. general João de Almeida, com o sr. Luís Ferreira de Oliveira, 1.º tenente da Armada.

A cerimónia foi celebrada na capela da Casa do Seixal, tendo paraninfado, por parte da noiva, seu pai e tia a sr.ª D. Maria Luísa Mendes Leite Machado, e pelo noivo, a mãe da noiva e o sr. João de Almeida, farmacêutico em Vila Garcia (Guarda).

Entre a assistência viam-se as famílias dos cônjuges, as sr.as D. Alice Machado Piçarra, D. Maria Luísa Morais Machado e os srs. Severim Duarte, esposa e filhas, e J. Aparício e esposa, residentes nesta cidade; a sr.ª D. Laura Chichorro Cortez, de Gois, major Manuel de Almeida, esposa e filha e Joaquim da Fonseca Ferreira de Oliveira, de Lisboa; Santos Consciência, do Porto; dr. José de Almeida e filha, da Guarda; dr. Luís Mendes e esposa, de Coimbra, etc.

No solar dos pais da noiva foi servido aos convidados um fino copo de água durante o qual os recem-casados foram muito saudados, tendo em seguida partido para o Minho em viagem de núpcias.

A corbeille achava-se guarnecida de lindas e valiosas prendas.

Ao ditoso par, que reúne os melhores dotes de coração e espírito, deseja O Democrata um futuro perene de venturas.

—Na igreja de S. Gonçalo teve lugar, no mesmo dia, o consórcio da sr.ª D. Maria de Lourdes Jubero Belo, simpática filha do importante comerciante sr. João da Costa Belo e de sua esposa sr.ª D. Hermenigilda Jubero Belo, com o sr. Antero Pires Cardoso, da freguesia de Oiã (O. do Bairro.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Luísa do Resgate Mendes e seu marido o sr. Carlos Mendes, proprietário do Savoy, e pelo noivo a sr.ª D. Júlia Marques Mendes e o eng. agrónomo sr. dr. Mário Pato.

Assistiu elevado número de convidados, aos quais foi servido, em casa dos pais da noiva, um abundante lunch, fornecido pela pastelaria Garrett de Aveiro, que se esmerou no fabrico e na sua confecção. Na altura devida houve brindes, sendo enaltecidos os predicados dos nubentes, que no mesmo dia encetaram a viagem de núpcias em direcção ao norte, devendo em seguida fixarem residência no Pôrto.

Desejamos, também, que a felicidade bafeje o novo lar que acaba de constituir-se sob os melhores auspícios.

—Para o sr. Alberto Teixeira Vida, agente técnico de Engenharia, natural da Gafanha, foi no domingo pedida pelo seu cunhado sr. José Maria Vilarinho, capitão da marinha mercante, a mão da gentil Maria de Lourdes Reis, estremosa filha do industrial sr. José dos Reis.

O enlace efectuar-se-á brevemente.

Partidas e Chegadas

Com curta demora esteve em Aveiro o nosso conterrâneo e amigo sr. Vasco Soares, comissário do vapor Mousinho, da Companhia Nacional de Navegação, que com seu cunhado, sr. Silva Rocha, nos veio cumprimentar, deferência que deveras e muito reconhecidos lhe agradecemos.

Seguiu para Cascais onde há muito reside com a família.

— Também estiveram cá os srs. Custódio Marques Pitarma, industrial de panificação em Sacavem e esposa; Celestino Neto, aspirante de Finanças no Porto; dr. José Dias Ferreira, farmacêutico em Arouca; Manuel Dias dos Santos, de Requeixo e Fernando Correia de Sequeira, de S. João de Loure.

Encomendas postais contendo generos racionados

Comunica-nos a Administração Geral dos C T T que, ao abrigo do art.º 5.º do Regulamento de Encomendas Postais e a pedido da Intendência Geral dos Abastecimentos, fica suspensa, até nova ordem, a aceitação de encomendas postais contendo os seguintes géneros:

Arroz em casca e descascado; azeite; azeitonas (para fóra dos distritos onde for produzida); borras de azeite; massas de refinação e óleo de bagaço; centeio, milho, trigo e cevada e respectivas farinhas; farelo, sêmea, rolão, ou rala de trigo; figos (para entrarem na provincia do Algarve e produtos derivados de gado suino, desi gnadamente salsicharia e presunto.

Em AVEIRO

NO

Pavilhão Municipal de Turismo,

Até 5 de Fevereiro

Inauguração hoje às 21 horas

Grandiosa Exposição

Dos mais recentes modêlos de automóveis e camions a gasolina e óleos pesados

DODGE

e automóveis

CRYSLER

e

PLYMOUTH

Apresentados pelos agentes:

AUTO-COMERCIAL DE AVEIRO, L.DA

e João dos Santos

João Calisto

A sua família, sem esquecer os que de várias maneiras o socorreram durante a prolongada doença que tanto o torturou, vem por êste modo também tornar publico a gratidão de que se acha possuída e se estende a quantos o acompanharam à última morada no dia em que o Destino poz termo ao seu doloroso infortunio.

Aveiro, 20 de Janeiro de 1947.

Agradecimento

A viúva de José de Pinho das Neves, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o extinto à última morada, vem por esta forma ressalvar as faltas cometidas, embora involuntárias, e patentear-lhes igualmente a sua gratidão.

Aveiro, 27 de Janeiro de 1947

NECROLOGIA

Tendo sido acometido dias antes de doença grave que o deixou inanimado, em estado de coma, exalou o ultimo suspiro, quarta-feira de madrugada, o sr. Henrique dos Santos Rato, que exerceu funções directivas na Companhia Aveirense de Moagens e foi elemento de preponderancia no *Club dos Galitos*, de que era um dos sócios mais antigos e dedicado.

Republicano desde longa data, Henrique Rato, a quem os seus achaque haviam já afastado do convívio social, pois que raras vezes saía de casa, disfrutava uma situação de certo destaque no nosso meio, a-pesar-do seu espírito pouco cultivado.

A' austeridade do seu caracter aliava predicados que lhe grangearam simpatias que por ocasião do funeral, realizado no mesmo dia, da sua casa do bairro de Sá, para o cemitério central, se patentearam, tal o avultado número de pessoas de todas as categorias que nêle tomou parte.

Conduzia a urna com os seus despojos o auto da Companhia V. S. P. Guilherme G. Fernandes, a cuja Direcção pertencia, vendo-se a cobri-la, além de numerosos *bouquetts*, as bandeiras daquela corporação, dos Bombeiros Voluntários, que se fizeram também representar e a do extinto *Centro Escolar Republicano*, que o contava no numero dos seus fundadores.

Estremoso pela família, contava agora 72 anos, deixando viúva a sr.ª D. Conceição Maria de Oliveira e duas filhas casadas com os srs. António Guimarães e José Vieira, a quem acompanhamos no desgosto que acabam de sofrer.

* * *

Também se finou, terça-feira, contando 68 anos de idade, o sr. José Maria Pereira Júnior, chefe de estação dos caminhos de ferro, aposentado e que há longos meses se achava retido em casa, doente.

Deixou viúva a sr.ª D. Maria dos Prazeres Duarte Pereira e alguns filhos e o seu cadaver foi sepultado no cemitério sul.

Aos doridos, as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, José Simão Júnior, viúvo, de 84 anos e António da Silva, também viúvo, de 87; na *Quinta do Gato*, José Maria Ladeira, casado, de 53; em *Verdemilho*, João Simões Preto, viúvo, de 85, e em *Esgueira*, Maria do Carmo Mieiro, de 22, casada com Manuel Ferreira Amorim.

Câmara Municipal de Aveiro

CONVOCAÇÃO

Doutor Alvaro Sampaio, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

No uso das atribuições que me são conferidas pelo n.º 1 do art.º 77.º do Código Administrativo, convoco os Excelentíssimos Vogais do Conselho Municipal a tomarem parte na 1.ª sessão ordinária do corrente ano, que se realizará na Sala das Sessões desta Câmara no dia 12 do próximo mez de Fevereiro, pelas 15 horas, consagrada especialmente à discussão do relatório da gerência municipal do ano findo.

Aveiro e Paços do Concelho, 27 de Janeiro de 1947.

(as) ALVARO SAMPAIO

Madail & Barroca, L.da

—o—

Por escritura de hoje, lavrada nas notas do notário desta cidade Dr. Inocencio Fernandes Rangel foi constituída uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, entre os sócios António Barroca da Silva e João Ferreira Madail, a qual se há-de reger e gerir pelos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adota a firma *Madail, & Barroca, L.da*, tem a sua séde no Largo de Verdemilho, freguesia de Aradas, concelho de Aveiro; a sua duração é por tempo indeterminado e data de hoje o seu início.

2.º

O seu objecto é o comércio de vinhos e seus derivados, podendo exercer qualquer outros em que os sócios acordem.

3.º

O capital social é de 100.000$ já integralmente realisado, dividido em duas cótas de 50.000$00 cada uma, pertencendo uma a cada sócio. A cóta do sócio António Barroca da Silva é formada pela quantia de 40.000$00 em dinheiro e 10.000$00 representados pelo valor do local da loja que êste sócio tomou de arrendamento a António Gonçalves Bartolomeu Júnior, sita na rua da Lavandeira, do lugar de Verdemilho, já referido, com que entra para a sociedade; e a cóta do sócio João Ferreira Madail é em dinheiro.

4.º

Ambos os sócios são gerentes, sem caução nem remuneração, podendo qualquer deles usar a firma e representar ou obrigar a sociedade, mas apenas em actos e documentos que a esta digam respeito.

5.º

A cessão total ou parcial de cótas é livremente consentida entre os sócios, mas fica dependente do consentimento e opção destes, quando se pretenda fazer a favor de estranhos.

6.º

O ano social é o civil. Os lucros e prejuizos serão partilhados entre os sócios na proporção das suas cotas.

7.º

Ocorrendo a morte ou interdição de um sócio, a sociedade continuará nos mesmos termos, com os sobrevivos ou incapazes, e com os herdeiros ou representantes do falecido ou incapaz, que enquanto a cóta estiver indivisa, exercerão em comum os direitos a ela inerentes, por intermédio de um só de entre êles escolhido.

8.º

Em tudo o mais regularão a legislação aplicável e as deliberações dos sócios.

Aveiro, 22 de Janeiro de 1947

O Ajudante da Secretaria Notarial

José Robalo Lisboa Júnior

Correspondências

Costa do Valado, 30 de Janeiro

Por um lindo dia de sol efectuou-se no domingo o cortejo das Pastoras, organizado na Gandara e que depois de ter ido a S. Bento veio terminar junto da capela de S. Tomé, em cujo largo foram leiloadas as ofertas dos que nele tomaram parte. Algumas atingiram elevados preços, tendo sido deveras apreciado o côro que uma tuna acompanhou durante o trajecto.

Veio muita gente de fóra assistir ao desfile o que concorreu para a Costa se conservar animada até ao fim da tarde.

A' noite houve baile no salão recreativo do Ramal com a assistência dum jazz.

—Faz por cá muito frio. Cai neve, aparecendo de manhã tudo cheio de gelo e as pôças de água da Gândara da Oliveirinha, onde se fabricam os adobos, completamente transformada em blocos, rijos como calhaus.

Na terça-feira às 19 horas trovejou ao longe e caíu uma saraivada tão grande, que dava a impressão dum alvo lençol a cobrir a superfície da terra.

Raras vezes se tem observado uma coisa assim.

C.